

Depois do primeiro turno

NOÊNIO SPINOLA



Quase uma década se passou desde que Ronald Reagan, ao colocar os pés na Casa Branca, convocou uma força-tarefa com o objetivo de produzir um

modelo, alternativo para as empresas estatais dos países socialistas, e outra para estudar como aumentar a eficiência e a produtividade da economia norte-americana. O primeiro alvo era ideológico. O segundo — pragmático — visava ao Japão S/A.

Quem quer que chegue ao primeiro lugar nas eleições de amanhã poderá sinalizar para os brasileiros e brasileiras quais os seus alvos básicos. E, dificilmente, vai poder fugir da realidade de que será herdeiro de um Estado falido, no exato momento em que o mundo lá fora mergulha em reformas rápidas de modelos políticos e econômicos.

Reagan e o reaganismo não acertaram em todos os alvos, mas apanharam um deles em cheio, ao preverem as reformas estruturais no Leste Europeu e na URSS. Alguns desses países estão agora tentando copiar manequins para suas empresas públicas, a começar pela estrutura do capital, e podem se inspirar nos Esops (**employee stock ownership programs**). Só que os Esops estão saindo de moda nos Estados Unidos e em outros países capitalistas onde os empregados tentaram se transformar em acionistas à custa de empréstimos e pesados esquemas de endividamento financeiro, além de benefícios fiscais e incentivos. Ironicamente, as leis de mercado estão provando que não se **fabricam** capitalistas em retortas, e nada substitui uma boa separação entre a gerência eficiente e a propriedade democratizada do capital acionário.

O caso brasileiro é particularmente grave porque nenhum dos candidatos do espectro de esquerda tem uma proposta coerente para resolver o problema do Estado, e alguns deles recorrem à ignorância ou à demagogia mais barata para fazer comparações. Luiz Inácio Lula da Silva, por exemplo, comparou o volume de empréstimos do Banco do Brasil com os do Bradesco para acentuar a diferença entre as aplicações do banco estatal na agricultura e as aplicações

do banco privado no **overnight**. O que Lula omitiu: que o **overnight** existe para financiar o brutal déficit público e a ineficiência operacional das estatais, distorcendo o papel dos bancos privados, além da elementar realidade de que o quadro de acionistas de um Bradesco (privado) é incomparavelmente maior que o de muitas estatais de primeira linha.

Não se fabricam capitalistas em retortas

No fundo, a esquerda brasileira continua cliente da idéia do Estado grande, o que produziu, no último debate na televisão, uma curiosa separação de terrenos, com Leonel Brizola acusando candidatos de direita de "filhotes da ditadura" e a direita caricaturando o candidato do PDT como "neto da ditadura", pela nostalgia deste em relação ao getulismo. Farpas so-

braram para o candidato do PC, que, ao acusar o passado dos seus concorrentes, se esqueceu da brutal herança stalinista de que os comunistas fogem, agora, como o diabo da cruz.

Quem quer que chegue ao Planalto, no primeiro ou no segundo turno, terá de responder, portanto, a essa pergunta elementar sobre o que fazer com um Estado quebrado, cujo grau de eficiência, medido por um indicador prosaico como a rentabilidade do patrimônio e do ativo, fica sistematicamente abaixo (mesmo no caso da elite das empresas públicas) do desempenho das empresas privadas no Brasil. Aqueles que acham que isso é resultado do clientelismo não poderão fugir de outra realidade: enquanto a empresa pública for administrada **politicamente**, ela será candidata à ineficiência, porque a burocracia terá compromissos com o governante do dia e não

com os consumidores ou a concorrência internacional.

Um presidente esperto convocaria, no dia seguinte à vitória no segundo turno (por que não no primeiro?), uma força-tarefa semelhante à que Reagan criou para promover guinadas que ficaram na História, ainda que imperfeitas. A experiência é vasta: Michael Conte e Jan Svejnar, das Universidades de Pittsburgh e de Baltimore, têm um amplo estudo sobre o assunto. Os padres de Cracóvia e Varsóvia podem ensinar realismo à nossa Igreja progressista com os estudos que vêm fazendo sobre a social-democracia sueca. E até na Universidade de Moscou há quem possa compartilhar o dever de casa mais elementar de nossa época: como sair do Estado burocrático e autoritário para formas de propriedade democratizadas, competitivas e abertas.

Noênio Spinola é editorialista do Estado

